DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE 0 A 6 ANOS

Primeiros Comportamentos Reflexos (pagina 170 até 173)

Os **comportamentos reflexos** são reações automáticas e involuntárias a estímulos, controladas pelas partes inferiores do cérebro, responsáveis também por funções como a respiração e os batimentos cardíacos. Esses reflexos são essenciais no início da vida, pois **estimulam o desenvolvimento do sistema nervoso e dos músculos**.
Os bebês possuem cerca de **27 reflexos principais**, muitos presentes ao nascer. Entre eles, estão os **reflexos primitivos**, como o de **sucção** (importante para a alimentação) e o **reflexo de Moro** (reação ao susto ou à queda), que têm função de **sobrevivência e proteção**. Alguns, como o **reflexo de preensão** (agarrar), têm origem evolutiva.
Com o amadurecimento cerebral, entre **2 e 4 meses**, surgem os **reflexos posturais**, que ajudam o bebê a reagir a mudanças de posição, como o **reflexo de pára-quedas**.
Há também os **reflexos locomotores** (andar, nadar), que lembram movimentos voluntários, embora ainda haja debate sobre sua relação com o desenvolvimento motor posterior.
A maioria desses reflexos **desaparece entre 6 meses e 1 ano**, indicando a **mielinização** das vias motoras e a **transição para comportamentos voluntários**.
Reflexos protetores, como **piscar, tossir, engasgar, espirrar e bocejar**, permanecem.
Nos estudos de Freedman (1979), há **variações culturais** nos reflexos. Por exemplo, o **reflexo de Moro** se manifesta de forma diferente em bebês de diferentes grupos étnicos, o que pode indicar **diferenças inatas** entre populações.

éCapacidades Sensórias Iniciais (pags 175 até 177)

Os recém-nascidos possuem capacidades sensoriais bem desenvolvidas desde o nascimento. Embora antes se acreditasse que eles percebiam o mundo como uma confusão de estímulos, hoje se sabe que seus cérebros conseguem processar e distinguir bem o que veem, tocam, cheiram, degustam e ouvem, com rápido desenvolvimento desses sentidos nos primeiros meses de vida.

Tato e Dor

O tato é o primeiro sentido a se desenvolver e o mais amadurecido nos primeiros meses de vida. Já no útero, por volta de dois meses após a concepção, o bebê apresenta o reflexo de sucção, e com 32 semanas de gestação, todo o corpo é sensível ao toque. Essa sensibilidade aumenta nos primeiros dias após o nascimento.
Contrariando a antiga crença de que recém-nascidos não sentem dor, estudos mostram que eles não só sentem dor desde o primeiro dia de vida, como sua sensibilidade aumenta com o tempo. Experiências dolorosas precoces podem deixar o bebê mais sensível à dor futuramente. Por isso, a Academia Americana de Pediatria recomenda o uso de analgésicos em procedimentos como a circuncisão.

Olfato e Paladar
Os sentidos do olfato e do paladar começam a se desenvolver ainda no útero. O feto tem contato com os sabores e aromas dos alimentos consumidos pela mãe através do líquido amniótico, e após o nascimento, pelo leite materno.
Os recém-nascidos demonstram preferência por cheiros agradáveis, como baunilha e morango, e rejeitam odores desagradáveis, como ovos podres ou peixe. Essas preferências parecem ser aprendidas antes e logo após o nascimento.
Bebês amamentados reconhecem e preferem o cheiro do seio da própria mãe após alguns dias de vida, o que pode ser um mecanismo de sobrevivência.
Quanto ao paladar, os recém-nascidos mostram preferência inata por sabores doces, que os acalmam e estimulam a sucção — reflexo importante, já que o leite materno é naturalmente adocicado. Já os sabores amargos são rejeitados, possivelmente como proteção contra substâncias tóxicas.

Audição, Visão e Desenvolvimento Motor em Bebês

Audição:
O sentido da audição já funciona antes do nascimento. Fetos reconhecem e aprendem sons, como a voz da mãe e histórias ouvidas no útero. Após o nascimento, recém-nascidos preferem a voz materna e a língua nativa. A discriminação auditiva se desenvolve rapidamente: com apenas 3 dias, bebês já distinguem sons novos; com 1 mês, diferenciam sons semelhantes como “ba” e “pa”. Essa sensibilidade precoce à voz e à linguagem ajuda a formar os laços entre pais e filhos.
Visão:
A visão é o sentido menos desenvolvido ao nascer. Os olhos e o nervo óptico ainda não estão totalmente formados, e a visão periférica é limitada, ampliando-se nas primeiras semanas. A percepção de cores surge gradualmente: aos 2 meses, o bebê distingue verde e vermelho; aos 3 meses, o azul; e aos 4 meses, reconhece as principais cores (vermelho, verde, azul e amarelo), preferindo o vermelho e o azul. A visão atinge nitidez de 20/20 por volta dos 6 meses. A visão binocular, que permite perceber profundidade e distância, surge entre 4 e 5 meses.
Desenvolvimento Motor:
As habilidades motoras básicas — como agarrar, engatinhar e andar — não precisam ser ensinadas, mas estimuladas por meio de espaço e oportunidades de movimento. O desenvolvimento motor ocorre em **marcos sucessivos**, em que cada nova habilidade prepara para a seguinte. O bebê passa de movimentos simples a combinações mais complexas: primeiro pega objetos com a mão inteira (movimento ulnar), depois usa o movimento em pinça (polegar e indicador). Da mesma forma, aprende a coordenar braços, pernas e pés até conseguir andar.

DESENVOLVIMENTO ENTRE OS 7 e 9 MESES

Entre os **7 e 9 meses**, os bebês passam por mudanças significativas em várias áreas do desenvolvimento. Eles começam a **compreender conceitos espaciais** como “perto” e “longe”, **imitam comportamentos mais complexos**, demonstram **novos medos**, mas também **maior segurança emocional** junto aos cuidadores.
Essas transformações estão ligadas a uma **reorganização cerebral**, desencadeada por uma nova habilidade: o **engatinhar**, que marca o início da **locomoção independente**. Essa conquista física é chamada de “**evento de preparação**”, pois impulsiona avanços cognitivos, emocionais e sociais.

Ao engatinhar, o bebê passa a **explorar o ambiente** e desenvolve a **percepção de profundidade, distância, tamanho e forma dos objetos**. Também aprimora a **capacidade de resolver problemas**, como encontrar brinquedos escondidos.
A mobilidade traz novas experiências sociais: os bebês aprendem a **reagir a instruções e limites** ("não mexa aí!"), desenvolvem o **referencial social** — observando o cuidador para interpretar situações — e podem até **adquirir medo de altura**.
Além disso, engatinhar fortalece o **senso de autonomia e domínio**: o bebê passa a controlar sua proximidade com pessoas ou objetos, o que **aumenta sua autoconfiança e autoestima**.
O engatinhar é um marco importante e essencial que transforma a maneira como o bebê **percebe, interage e se relaciona com o mundo**, promovendo avanços cognitivos, emocionais e sociais.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NOS TRES PRIMEIROS ANOS

Desenvolvimento da Linguagem pagina 213

A linguagem, um sistema de comunicação baseado em palavras e gramática, é um elemento crucial do desenvolvimento cognitivo. As crianças podem utilizar palavras para representar objetos e ações, para refletir sobre observações e experiências e para comunicar suas necessidades, seus sentimentos e suas ideias no intuito de exercer controle sobre suas vidas.
O desenvolvimento da linguagem ilustra a interação de todos os aspectos do desenvolvimento, a medida que as estruturas físicas necessárias para produzir os sons amadurecem e que as conexões neurais necessárias para associar som e significado estão ativadas, a interação social com os adultos introduz os bebês à natureza comunicativa da fala. Vamos examinar a sequência típica de desenvolvimento da linguagem, algumas características da fala inicial, como os bebês adquirem a linguagem e evoluem em sua utilização e como os pais e outros cuidadores ajudam as crianças a se prepararem para a **alfabetização,** ou seja, para aprender a ler e escrever.

Sequência do Desenvolvimento Inicial da Linguagem:

Antes de aprenderem a falar, os bebês já se comunicam por meio de sons e gestos. A linguagem se desenvolve gradualmente: começa com o choro, passa pelos arrulhos e balbucios, segue para a imitação acidental e depois deliberada dos sons. Essa fase é chamada de **fala pré-linguística**. Além disso, os bebês aprendem a reconhecer e compreender sons e a usar gestos com significado. Por volta de **1 ano**, costumam dizer a **primeira palavra**, e entre **1 ano e 8 meses a 2 anos**, começam a formar **frases simples**. Aos 13 meses, as crianças começam a compreender que as palavras representam objetos ou ações e passam a aprender novos significados rapidamente. No entanto, o aumento do vocabulário falado é inicialmente lento, pois elas ainda estão associando sons a significados. Durante esse processo, podem prestar menos atenção a detalhes fonéticos — uma adaptação temporária para focar na compreensão das palavras.
Por volta dos 16 a 24 meses (2 anos), ocorre a chamada **"explosão de nomeação"**, quando o vocabulário cresce rapidamente (de cerca de 50 para até 400 palavras). As primeiras palavras costumam ser substantivos (nomes de coisas), seguidos por verbos, modificadores e expressões sociais. Com o tempo, a proporção de verbos aumenta.

Os tipos de palavras aprendidas também variam conforme a **língua materna** — por exemplo, crianças que falam mandarim tendem a usar mais verbos do que substantivos, refletindo a estrutura da própria língua.

Entre 20 e 30 meses, (2 anos e 6 meses), as crianças aprimoram a **sintaxe**, aprendendo regras de formação de frases e usando melhor **artigos, preposições, conjunções, plurais e tempos verbais**. Elas passam a compreender mais claramente a **função comunicativa da linguagem** e se preocupam em ser entendidas, demonstrando maior **consciência das intenções e pensamentos dos outros**. Por volta dos **3 anos**, sua fala torna-se **mais fluente, longa e complexa**, permitindo que se comuniquem com eficácia, mesmo omitindo algumas partes do discurso.

Maturação do Cérebro (pagina 212 e 213)

Nos primeiros meses e anos de vida, o cérebro cresce rapidamente e se reorganiza, processo que está fortemente ligado ao desenvolvimento da linguagem. Para entender quais áreas cerebrais controlam funções linguísticas e como amadurecem, os cientistas estudam tanto pessoas com lesões em regiões específicas do cérebro quanto a atividade cerebral de indivíduos saudáveis durante tarefas de linguagem, usando técnicas modernas de imagem.

As pesquisas mostram que os processos linguísticos são muito complexos e resultam da **coordenação de várias estruturas cerebrais**, não de áreas isoladas. Essas estruturas também interagem com regiões envolvidas em outras funções cognitivas, como a percepção visual — por exemplo, áreas que reconhecem rostos e palavras ficam próximas e têm organização semelhante.

Ainda não se sabe ao certo se marcos como **a primeira palavra ou a explosão de vocabulário** se devem a mudanças físicas no cérebro ou à maior eficiência de estruturas já existentes.

As áreas cerebrais responsáveis pela linguagem amadurecem lentamente, completando-se apenas após o período pré-escolar ou até na vida adulta. Nos recém-nascidos, os gritos são controlados por estruturas primitivas do cérebro, como o tronco encefálico e a ponte. O balbucio aparece com a maturação do córtex motor, e a fala surge quando se estabelecem conexões entre as áreas auditivas e motoras, por volta do segundo ano de vida.

A linguagem é fortemente lateralizada — em cerca de 98% das pessoas, o hemisfério esquerdo é dominante —, mas o hemisfério direito também participa. Embora essa lateralização tenha base genética, estudos mostram que há um **período sensível** na infância em que o cérebro é mais **plástico**, ou seja, capaz de reorganizar funções linguísticas se houver lesões.

Pesquisas com crianças de 13 a 20 meses indicam (compreensão das palavras) que o desenvolvimento do vocabulário está associado ao aumento da **lateralização e especialização cerebral**. Além disso, o uso da linguagem de sinais por pessoas surdas ativa regiões cerebrais semelhantes às da linguagem oral, reforçando que a **experiência e a interação social** influenciam a formação e a localização das funções linguísticas no cérebro.

Interação Social: O Papel dos Pais e Cuidadores no Desenvolvimento da Linguagem (pagina 221 e 222)

A linguagem é um processo social e seu desenvolvimento depende fortemente das interações com pais e cuidadores. Desde o balbucio, os adultos contribuem ao repetir sons emitidos pelo bebê, incentivando sua participação em trocas sonoras que introduzem o conceito de conversação e turnos de fala, geralmente compreendido por volta dos 7–8 meses.

A compreensão linguística dos bebês se desenvolve quando os adultos nomeiam objetos e acompanham seu foco de atenção, demonstrando sensibilidade verbal. Estudos mostram que mães que respondem aos interesses da criança e adaptam sua fala ao comportamento do bebê promovem melhor compreensão posterior.

Quando começam a falar, as crianças ampliam seu vocabulário com a correção e expansão das palavras que produzem. O aprendizado também está ligado à frequência das palavras usadas pelos adultos e ao quanto se fala com a criança.

Em ambientes bilíngues, é comum que as crianças misturem códigos inicialmente, mas logo aprendem a diferenciar as línguas e alternar o uso conforme o interlocutor, fenômeno chamado **troca de código**.

Interações sobre conteúdos de interesse, como televisão, ajudam na linguagem — porém **somente expor a criança à TV não é suficiente**, é necessário diálogo. Além disso, estudos revelam que a qualidade da fala direcionada à criança importa: conversas informativas são mais benéficas do que falas que apenas controlam o comportamento, como ocorre com mais frequência em gêmeos.

O nível socioeconômico influencia oportunidades de fala: famílias com menor instrução tendem a usar vocabulário menos variado e conversar menos, o que pode resultar em atrasos linguísticos e acadêmicos duradouros.

Destaca-se a **fala dirigida à criança (FDC)** — tom mais alto, ritmo mais lento, entonação exagerada e repetição — presente em diversas culturas. Essa forma de comunicação facilita a distinção de sons da língua e favorece a aprendizagem mais rápida.

Fundamentos do Desenvolvimento Psicossocial (paginas 231 até 234)

Desde o nascimento, os bebês já apresentam traços individuais de personalidade, influenciados por fatores inatos e ambientais, que se desenvolvem em conjunto com seus relacionamentos sociais.
As **emoções** — como alegria, medo e tristeza — são reações subjetivas acompanhadas de mudanças fisiológicas e comportamentais. Embora universais, variam quanto à frequência, intensidade e formas de expressão. Elas têm funções essenciais: **comunicar estados internos**, **orientar comportamentos** e **promover a adaptação**. Nos bebês, a comunicação emocional é vital, pois os ajuda a obter cuidados e a desenvolver vínculos afetivos.
O **desenvolvimento cognitivo** permite que as emoções se tornem mais complexas, à medida que a criança aprende a interpretar situações com base em experiências anteriores — por exemplo, o medo de estranhos surge quando o bebê reconhece diferenças e lembra-se de interações anteriores.
Os **primeiros sinais emocionais** incluem choro, sorriso e riso, que se tornam meios de comunicação e regulação emocional. Com o tempo, esses sinais evoluem: o choro passa de expressão de desconforto físico para emocional, e o sorriso, inicialmente reflexo, passa a indicar prazer social. Esse processo fortalece o senso de controle e o vínculo entre o bebê e os cuidadores, sendo fundamental para o desenvolvimento da personalidade e da vida emocional.

Desenvolvimento no Primeiro Ano de Vida (pagina 244 até 247)

Nos primeiros anos de vida, o bebê passa de um ser totalmente dependente, com emoções simples, a uma criança de 3 anos com sentimentos complexos e início de consciência. Esse desenvolvimento está centrado nas relações entre o **eu e os outros**, especialmente na formação da **confiança** e do **apego**.

Segundo **Erik Erikson (1950)**, o primeiro grande desafio do desenvolvimento é a **crise de confiança básica versus desconfiança**, que ocorre do nascimento até cerca de 18 meses. A confiança se forma quando o bebê percebe que suas necessidades são atendidas de modo **sensível, consistente e afetuoso** pelo cuidador — especialmente durante a alimentação. O resultado positivo dessa etapa é a **virtude da esperança**, ou seja, a crença de que o mundo é previsível e as necessidades podem ser satisfeitas. Quando a desconfiança predomina, a criança passa a ver o mundo como **ameaçador e imprevisível**, dificultando seus futuros relacionamentos.

O **apego** é o vínculo emocional **recíproco e duradouro** entre o bebê e o cuidador, essencial para o bem-estar físico e emocional da criança. Segundo a teoria **etológica**, existe uma **predisposição biológica** para a formação desse laço. Pesquisas de **Mary Ainsworth** mostraram que comportamentos como **chorar, sorrir, sugar e agarrar-se** são formas de busca de apego. Esses comportamentos se fortalecem quando o cuidador responde de forma carinhosa e previsível.

Ainsworth também descreveu **quatro etapas do desenvolvimento do apego** durante o primeiro ano, mostrando como o bebê passa gradualmente a reconhecer e preferir figuras específicas, formando uma ligação emocional estável e duradoura
O desenvolvimento emocional inicial é marcado pela construção da **confiança** (Erikson) e do **apego** (Ainsworth), que se formam através de interações **afetivas, consistentes e sensíveis** entre o bebê e seus cuidadores — bases fundamentais para os relacionamentos e a segurança emocional nos anos seguintes.

Desenvolvimento e Tipos de Apego (Ainsworth e Bowlby)

Nos primeiros meses de vida, o bebê passa por estágios no desenvolvimento do apego:

1. **0–2 meses:** responde de forma indiferenciada a qualquer pessoa.
2. **8–12 semanas:** começa a demonstrar preferência pela mãe, mas ainda aceita outros.
3. **6–7 meses:** forma um apego definido à mãe e pode surgir o medo de estranhos.
4. **Após isso:** desenvolve vínculos com outros membros da família (pai, irmãos, etc.).
   Esses padrões podem variar conforme a cultura e o número de cuidadores.

Estudo de Ainsworth – Situação Estranha:
Mary Ainsworth, colaborando com John Bowlby, criou o experimento **"Situação**

Estranha” para avaliar o apego entre bebês (10 a 24 meses) e suas mães. O teste envolve separações e reencontros em um ambiente novo, observando as reações do bebê.

Padrões de Apego Identificados:

1. **Apego seguro (≈66%)** – O bebê chora com a saída da mãe e a recebe com alegria ao retorno, usando-a como base segura para explorar.
2. **Apego evitativo (≈20%)** – O bebê demonstra pouca reação à saída ou retorno da mãe, evitando contato e mostrando irritação.
3. **Apego ambivalente ou resistente (≈12%)** – O bebê mostra ansiedade intensa, mistura desejo de contato com resistência (chutes, contorções), explora pouco e é difícil de consolar.
4. **Apego desorganizado-desorientado** – O bebê apresenta comportamentos contraditórios (aproxima-se, mas evita o olhar, mostra medo ou confusão), geralmente associado a mães insensíveis ou abusivas.

Conclusão:
Os padrões de apego observados são **universais**, mas sua distribuição varia entre culturas. A “Situação Estranha” foi fundamental para compreender como as primeiras interações com cuidadores moldam a segurança emocional e o desenvolvimento social da criança.